

PROMOÇÃO DA SOCIALIZAÇÃO À CRIANÇA PORTADORA DE SÍNDROME DE DOWN ATRAVÉS DO AUXÍLIO DOS PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM

Anne Caroline Silva Guimarães¹
Ludimila Cristina Souza Silva²
Tatiemy Aparecida Martins da Costa⁴
Daniella da Silva Porto Cavalcanti⁵

RESUMO: As recomendações de cuidados com as crianças que têm Síndrome de Down estão dispostas através das políticas do Ministério da Saúde como a Política Nacional de Humanização, entre outros programas. Assim, mesmo que sejam utilizados os pressupostos teóricos da clínica ampliada, da integralidade e do cuidado compartilhado, com enfoque na humanização, na autonomia e no protagonismo dos sujeitos durante as práticas de saúde é preciso uma atenção diferenciada com essas crianças, pois o seu modo de ver o mundo é diferente das demais. O objetivo deste estudo foi destacar, através da revisão da literatura, o processo de socialização da criança com Síndrome de Down. Trata-se de um estudo revisão integrativa da literatura. Os dados foram obtidos através da busca em bases de dados virtuais em saúde, como Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e *Scientific Electronic Library Online* (SciELO). Através da análise dos dados observou-se os principais fatores que dificultam a socialização da criança com Síndrome de Down e as principais estratégias para socialização da criança com Síndrome de Down. Com isso torna-se necessário estudos com novas referências que colaborem para uma conduta clínica de melhor qualidade e que haja maior conhecimento científico aos profissionais em relação aos cuidados de enfermagem para os pacientes com Síndrome de Down, uma vez que o conhecimento e a atualização destes é fundamental nesses casos.

Palavras-chave: Síndrome de Down. Socialização. Enfermagem.

ABSTRACT: The recommendations for care for children who have DS are made through the policies of the Ministry of Health as the National Humanization Policy, among other programs. Thus, even if the theoretical assumptions of the expanded clinic, comprehensiveness and shared care are used, focusing on humanization, autonomy and the protagonism of the subjects during health practices, differentiated attention is needed with these children, because their way of seeing the world is different from other children. The aim of this study is to highlight through the literature review the socialization process of children with Down syndrome. This is an integrative review study of the literature. The data were obtained through the search in virtual databases in health, such as Latin American and Caribbean Literature on Health Sciences (LILACS), Scientific Electronic Library Online (SciELO). Through data analysis, the main factors that hinder the socialization of children with Down Syndrome and the main strategies for socialization of children with Down Syndrome were observed. Thus, it is necessary to study with new references that collaborate for a better-quality clinical conduct and that there is greater scientific knowledge to professionals regarding nursing care for patients with Down Syndrome, since knowledge and updating of these are fundamental in these cases.

Keywords: Down's syndrome. Socialization. Nursing.

¹Graduanda em Enfermagem pela Faculdade Alfredo Nasser.

²Doutora em Ciências da Saúde; Mestra em Enfermagem; Especialista em Unidade de Terapia Intensiva.

⁴Coordenadora de Enfermagem da Faculdade Alfredo Nasser. Mestre em Ciências Ambientais e Saúde- PUC GO;

⁵Docente da Faculdade Alfredo Nasser.

1 INTRODUÇÃO

A Síndrome de Down (SD) pode ser diagnosticada no pré-natal ou no berçário, onde as crianças com essa patologia possuem mais chances em desenvolver doenças respiratórias, malformações cardíacas, obesidade e dificuldade na fala (MUSTACHHI, 2015). Os cuidados com a criança com essa síndrome precisam ser realizados com muita comunicação entre a família e os profissionais de saúde que acompanham o tratamento. Dessa maneira, o profissional de enfermagem precisa compartilhar com os familiares da criança sobre os cuidados adequados, de forma aberta e franca, para que sejam realizados de forma correta (RODRIGUES *et al.*, 2013).

A SD é o resultado de um acidente genético causado pela trissomia do cromossomo 21, ocorrendo em determinada fase do desenvolvimento intrauterino. Uma pessoa com esta anomalia possui 47 cromossomos. Essa anomalia nos cromossomos da pessoa pode trazer diversos problemas para ele, como, por exemplo, problemas no coração, dificuldade de comunicação com outras pessoas, problemas com obesidade, mais chances de desenvolver câncer, entre outros (COÊLHO, 2018).

Desse modo, os portadores da SD possuem retardo mental diferente um dos outros, sendo que as características físicas são bem marcantes nessa síndrome, onde todos têm olhos afastados, rosto redondo, cabelo geralmente liso e claro, e têm facilidade de demonstrar afeto, como carinho com abraços e beijos. Porém, o intelectual pode ser bem diferente entre eles, sendo que cada um se desenvolve de maneira única e peculiar em em geral (SILVA; TRABAQUINI, 2019).

As recomendações de cuidados com as crianças que têm SD estão dispostas através das políticas do Ministério da Saúde como a Política Nacional de Humanização, entre outros programas. Assim, mesmo que sejam utilizados os pressupostos teóricos da clínica ampliada, da integralidade e do cuidado compartilhado, com enfoque na humanização, na autonomia e no protagonismo dos sujeitos durante as práticas de saúde é preciso uma atenção diferenciada com essas crianças, pois o seu modo de ver o mundo é diferente das demais crianças (BRASIL, 2017).

Ainda, é importante ressaltar que os enfermeiros são muito fundamentais para ajudar as famílias nos cuidados e no processo de adaptação com as crianças com SD, pois eles sabem como ajudá-los a reconhecer e valorizar as capacidades naturais dessas pessoas (OLIVEIRA, 2018).

Dessa forma, os cuidados de enfermagem abrangem não só dentro da unidade básica de saúde, mas em todo o contexto, cujo papel é fazer uma educação continuada e, assim, instruir como a família deve proceder com o indivíduo sem discriminação. Desse modo, sabe-se que o enfermeiro tem grande papel na sociedade, pois são eles os responsáveis em fazer palestras sobre o tema e conscientizar a comunidade sobre as diferenças das pessoas, amenizando o preconceito. Além disso, esses

profissionais têm como objetivo lidar com os problemas e orientar a família a como lidar com esse novo desafio, mostrando que uma criança com SD pode se desenvolver, crescer e ter seus anseios e realizações como qualquer outra pessoa, mas para isso é importante que ela seja incentivada e orientada de maneira correta (SILVA; TRABAQUINI, 2019).

A realização deste estudo foi motivada pela necessidade de compreender o processo de adaptação das crianças com SD, pois elas necessitam de cuidados especiais, tanto da equipe de enfermagem, quanto com a sua família.

Essa síndrome pode acontecer em todas as famílias independentemente de cor, raça, sem possuir nenhuma relação com o nível cultural, social, ambiental, econômico *etc.*, podendo ser diagnosticada na gestação quando a mãe está na fase do pré-natal, por meio de exames clínicos (DE SOUSA, 2018).

O diagnóstico também pode acontecer depois do nascimento e, inicialmente, por parte das características que são muito comuns aos portadores de SD, como por exemplo, cabeça mais arredondada, olhos puxados, boca pequena, entre outras. Apesar de não ter cura, pesquisas no mundo todo têm sido realizadas nesse sentido e a qualidade de vida dessas pessoas tem sido melhorada significativamente. O mais importante é descobrir que o síndrome pode alcançar um bom desenvolvimento de suas capacidades pessoais e avançar crescentes níveis de realizações e autonomia, sendo capaz de sentir, amar, aprender, se divertir e trabalhar. Em resumo, ele poderá ocupar um lugar próprio e digno na sociedade, sendo como qualquer outra criança normal, em certos momentos (PAIVA *et al.*, 2018).

Portanto, o objetivo deste estudo foi destacar através da revisão da literatura o processo de socialização da criança com Síndrome de Down.

2 METODOLOGIA

Tratou-se de uma revisão integrativa da literatura, a qual refere-se a um método que analisa e sintetiza as pesquisas de maneira sistematizada e contribui para o aprofundamento do tema investigado, e a partir dos estudos realizados separadamente é possível construir uma única conclusão, pois foi investigados problemas idênticos ou parecidos (MENDES, 2008). A questão norteadora do presente estudo foi: Como os profissionais de enfermagem podem ajudar a promover a socialização das crianças com Síndrome de Down?

O estudo foi realizado através de busca *on-line* das produções científicas nacionais sobre assistência de enfermagem em crianças com Síndrome de Down, no período de 2013 a 2020. A

obtenção dos dados ocorreu através de buscas processadas por meio da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), sendo utilizadas principalmente as bases de dados: Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e *Scientific Eletronic Library Online* (SciELO). Os descritores utilizados para a busca foram: Síndrome de Down, Enfermagem, socialização.

Para a realização de uma pesquisa bibliográfica de qualidade, o primeiro passo é localizar a terminologia autorizada e reconhecida mundialmente. O descritor controlado é parte de um vocabulário estruturado e organizado para facilitar o acesso à informação. Esses vocabulários são usados como uma espécie de filtro entre a linguagem utilizada pelo autor e a terminologia da área (PELIZZON, 2004).

Foram considerados os seguintes critérios de inclusão: estudos que abordaram a assistência de enfermagem em crianças com Síndrome de Down, sem limite de data de publicação; publicados nos idiomas português e inglês. Foram excluídos artigos que não responderam à pergunta norteadora.

O acesso à base de dados e a coleta de dados foram realizados em março de 2021. Em seguida todos os estudos foram lidos na íntegra. Por meio dos descritores foram identificados 73 estudos, sendo selecionados 9 que atenderam os critérios de inclusão estabelecidos.

Após a leitura na íntegra de cada um dos artigos, foi preenchido um instrumento, elaborado pela autora contendo: identificação do artigo, ano e país de publicação, idioma, tipo de instituição onde foi realizado o estudo, metodologia empregada e o processo de socialização da criança com Síndrome de Down.

3 RESULTADOS

Foram encontrados 73 artigos, porém somente 9 artigos foram utilizados, pois atenderam aos critérios de inclusão do estudo. O ano que mais publicou foi 2018 com 3(33,33%) e os anos com menor índice de publicação foi 2013, 2015 e 2019 com 1(11,11%)

Quadro 1 – Distribuição ordenada dos trabalhos selecionados quanto ao ano, autores, periódico e título.

N	Ano	Autores	Periódico	Título
1	2020	Galiano ACB; Santos AC; Reis DG; Marques LF.	Rev. Faculdade do Saber	Os efeitos da natação para crianças com Síndrome de Down.
2	2020	Ramos BB; Müller AB.	Rev. Interdisciplinar Ciências Médicas	Marcos motores e sociais de crianças com Síndrome de Down na estimulação precoce.
3	2019	Miranda ACRL; Barreto MS.	Rev. Par Enferm	Crianças com Síndrome de Down: experiências quotidianas vivenciadas pelas famílias.
4	2018	Caples M; Martin AM; Dalton C; Marsh L; Savage E; Knafl G; Van Riper M.	Br J Learn Disabil	Adaptation and resilience in families of individuals with down syndrome living in Ireland.
5	2018	Knychala NAG; Oliveira EA; Araújo, L. B. D.; Azevedo VMGO.	Fisioterapia e Pesquisa	Influência do ambiente domiciliar no desenvolvimento motor de lactentes com síndrome de Down.
6	2018	Sousa NMFR; Nascimento DA.	Rev. Educação e Formação	A inclusão escolar e o aluno com Síndrome de Down: as adaptações curriculares e a avaliação da aprendizagem.
7	2015	Castro NM; Montiel JM; Bartholomeu D; Pinheiro LTE.	Academia Paulista de Psicologia	Relação entre Karatê e socialização em pessoas com síndrome de Dow.
8	2014	Malh E; Bruniera CB; Costa L.	EFDeportes.com, Revista Digital	Contribuições do esporte adaptado para a inserção social a das pessoas com deficiência.
9	2013	Pereira EA.	Mimeo	A pessoa com deficiência no conceito da Bioética de intervenção e seu direito à inclusão na comunidade.

Tabela 1: Distribuição dos estudos quanto aos principais fatores que dificultam a socialização da criança com Síndrome de Down.

Fatores que dificultam a socialização da criança com Síndrome de Down	N	%
Aspectos fonoaudiólogos	3	33,33%
Aceitação da doença	3	33,33%
Relação dos pais com a criança	1	11,11%
Atraso no desenvolvimento infantil	1	11,11%

Tabela 2: Distribuição dos estudos quanto as principais estratégias para socialização da criança com Síndrome de Down.

Estratégias para socialização da criança com Síndrome de Down	N	%
Contexto familiar	4	44,44%
Inclusão escolar	3	33,33%
Atendimento com fonoaudiologista	3	33,33%
Atividade física	2	22,22%

4 DISCUSSÃO

Quanto aos principais fatores que dificultam a socialização da criança com Síndrome de Down, observa-se na literatura a presença de aceitação da doença, déficit de atenção, relação dos pais com a criança, aspectos fonoaudiólogos e atraso no desenvolvimento infantil. Dessa forma, é de suma importância que os profissionais de saúde, ao diagnosticarem a SD para uma família, estabeleçam as relações positivas entre a díade família-criança, além de produzirem uma comunicação franca, aberta e honesta com a família, os apoiando para que aceite essa doença. Também se faz necessário a conscientização dos familiares, uma vez que os impactos no cotidiano serão inevitáveis, podendo ser amenizados se ocorrer o acompanhamento inicial de forma efetiva (CAPLES *et al.*, 2018). Ao realizar este estudo, foi observado que 33,33% dos estudos associavam a aceitação da doença com o fato dos pais procurarem atendimento.

É importante garantir que os pais e/ou responsáveis, recebam informações e orientações para auxiliar no desenvolvimento e na integração da criança frente à sociedade, onde a equipe de enfermagem possui o papel fundamental em assistir essas famílias para promover a resiliência desde o diagnóstico, ajudando psicologicamente na aceitação do novo membro, como depois do nascimento, orientando os pais e familiares a lidar com as dificuldades encontradas no dia a dia, direcionando-os em relação ao acolhimento e cuidados básicos e necessários com a criança, a fim de facilitar a administração das atividades da família (MIRANDA; BARRETO, 2019).

Segundo Ramos e Müller (2019) a estimulação precoce possui o papel de oportunizar ao bebê com SD o seu desenvolvimento mais adequado, ajudando na organização global, identificando as alterações presentes, orientando os pais e humanizando o ambiente terapêutico, assim como visa melhorar a qualidade de postura, possibilitar a redução do atraso no desenvolvimento, buscar a funcionalidade na realização das atividades diárias e na resolução de problemas e gerar impactos na qualidade de vida. O apoio da família para a estimulação precoce traz diversos benefícios para a criança, como a troca de informação com outras famílias, uma vez que se identificam e conversam sobre situações específicas, ouvindo, aprendendo, se informando, recebendo conselhos e descobrindo situações novas que favorecem o vínculo e a segurança na tomada de decisões. Esta troca contribui para ampliar informações e compartilhar conhecimentos com aqueles que estão vivenciando a mesma situação (RAMOS; MÜLLER, 2019).

Crianças com SD possuem desenvolvimento cognitivo com um atraso em relação às atividades quanto à possibilidade de exploração do ambiente. Algumas atividades, como por exemplo, o fato de passar um brinquedo de uma mão para a outra, ou, até mesmo, colocar objetos dentro de uma xícara dependem da habilidade motora dessas crianças (CASTRO *et al.*, 2015). Ademais, Knychala *et al.* (2018) relata que se deve observar as características dos pais, como nível socioeconômico, grau de escolaridade e parceria estável, pois estes são reflexos nos cuidados oferecidos e considerados fortes contribuidores para que o desenvolvimento infantil seja realizado de forma adequada.

O contexto familiar é outra dimensão importante para dificultar a socialização da pessoa com SD, porém quando há uma interação positiva entre pais e filhos observa a promoção de efeitos relevantes para o progresso das áreas cognitivas, linguísticas e socioemocionais da criança com SD, onde a criança receberá instrumentos e estratégias psicológicas aprimoradas, através da internalização, que irá proporcionar aprendizagens significativas (MIRANDA; BARRETO, 2019). Corroborando com tais achados, foi observado a presença de 44,44% dos estudos afirmando que o contexto familiar contribui na socialização e, conseqüentemente, na estimulação de pacientes com SD.

Em relação as principais estratégias para socialização da criança com SD, a literatura sugere a inclusão escolar, o contexto familiar, a atividade física, o trabalho em grupo e o atendimento com fonoaudiologista. Com isso, compreende-se que a criança possui déficit de atenção, o que compromete a realização de tarefas e nos relacionamentos interpessoais, onde tal déficit passa envolver diversos fatores que dificultam a realização de tarefas escolares, tais como a iniciação, a organização, a manutenção e a inibição do comportamento, por isso é importante a inclusão escolar dos alunos com SD (GALIANO *et al.*, 2020).

Desse modo, o processo de adaptação curricular está associado ao atendimento educacional especializado, o qual possui a função de “complementar e oferecer serviços, recursos de acessibilidade e estratégias a fim de eliminar as barreiras de participação e aprendizagem”. As adaptações de conteúdos e atividades são alternativas que visam o ensino-aprendizagem do aluno com SD, contudo, devem ser conectadas com os demais para não se restringir a conteúdo sem significado e intencionalidade (SOUSA; NASCIMENTO, 2018). Diante desse cenário, observa-se que 33,33% dos estudos encontrados abordaram a inclusão de pacientes com SD nas escolas o mais

precoce possível, uma vez que a interação com outras pessoas, que não estejam apenas em seu convívio familiar, auxilia no processo de socialização.

De acordo com Knychala *et al.* (2018), há outro fator relevante para auxiliar na socialização dos pacientes com SD, sendo a relação dos pais com a criança, onde devem ajudá-los a se “movimentar livremente, a ficar de pé, a conversar, a brincar de jogos e interagir com outras crianças”, o qual esse conjunto de atitudes garante aprendizado e traz incentivos para o desenvolvimento infantil.

A prática de atividade física também facilita na socialização, na tentativa de auxiliar no processo terapêutico dos praticantes, observando que o esporte adaptado pode ser definido como especialmente criado para ir ao encontro das necessidades únicas de indivíduos com algum tipo de deficiência ou como um esporte modificado. Desse modo, integrar, por meio da prática desportiva seria uma forma de ultrapassar barreiras, garantindo autonomia, independência e autoconfiança. Ainda, as atividades diárias melhoram a condição física e previnem deficiências secundárias (MAHL; BRUNIERA; COSTA, 2014).

Pereira (2013) afirma que a prática esportiva irá contribuir para a socialização da pessoa com SD favorecendo a “comunicação, a realização pessoal, a autoimagem, o autoconceito e a autonomia, assim como relativiza as suas limitações, reforça a autoestima, dando-lhe alegria de viver, melhorando a qualidade de vida”, favorecendo a comunicação e o convívio social.

Além disso, a linguagem é uma das áreas em que ocorre um maior atraso nas crianças com SD, visto que essas crianças demoram mais para emitirem as primeiras palavras e, após, têm dificuldade em juntá-las e utilizá-las nas frases com duas palavras. Após essa fase, a grande incompatibilidade é para unir regras gramaticais na construção de frases ou sentenças, mas essas crianças compreendem mais do que emitem. Tal fato justifica pelo aspecto das dificuldades articulatórias que ocorrem, podendo persistir até a vida adulta. A respeito do prognóstico, verifica-se que a prevalência da condição possui aumento na população geral em consequência da alta sobrevivência, onde alguns tratamentos e terapias possuem diversos benefícios, a fim de contribuir para o melhor desenvolvimento da pessoa com SD (CASTRO *et al.*, 2015).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As evidências das pesquisas sobre a assistência de enfermagem aos pacientes com SD ainda são limitadas em se tratando de referências atuais. É importante ressaltar que o enfermeiro possui

importante papel no tratamento desses pacientes, pois são eles que lidam com os problemas e orientam os familiares a como lidar com esse novo desafio, a fim de mostrarem que uma criança com SD pode se desenvolver, crescer e ter seus anseios e realizações como qualquer outra pessoa, mas é imprescindível o incentivo e as orientações de maneira correta.

Ao abordar sobre a inclusão desses pacientes, é possível observar na literatura presente o quanto se faz importante o contexto da família, a realização de atividade física, o trabalho em grupo e o acompanhamento com fonoaudiologista, pois uma criança com SD possui déficit de atenção, comprometendo a realização de afazeres e os relacionamentos interpessoais, dificultando, sobretudo, a realização de tarefas escolares, como por exemplo a organização.

Futuros estudos se fazem necessários, para que novas referências colaborem para uma conduta clínica de melhor qualidade e que haja maior conhecimento científico aos profissionais em relação aos cuidados de enfermagem para os pacientes com SD, uma vez que o conhecimento e a atualização destes é fundamental nesses casos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Estado de Saúde. **Síndrome de Down**. 2017. Disponível em: <https://www.saude.mg.gov.br/sindromededown> Acesso em 14 abr. 2020.

CAPLES, Maria et al. Adaptation and resilience in families of individuals with down syndrome living in Ireland. **British Journal of Learning Disabilities**, v. 46, n. 3, p. 146-154, 2018.

CASTRO, N.M et al. Relação entre Karatê e socialização em pessoas com síndrome de Down. **Boletim Academia Paulista de Psicologia**, v. 35, n. 89, p. 441-459, 2015.

COÊLHO, J. F. *Apraxia de fala x Desvio fonético*: aspectos linguísticos e análise acústica da fala na Síndrome de Down. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Linguística)-Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018.

DE SOUSA, G. S. **Alfabetização e Letramento de alunos com Síndrome de Down**: Um olhar a partir dos pais de uma escola pública de Santo Antônio do Tauá. 61 f. Trabalho de Conclusão de Curso. (Curso de Licenciatura em Pedagogia)-Universidade Federal do Pará, Castanhal, 2018.

GALIANO, A.C.B et al. Os efeitos da natação para crianças com Síndrome de Down. **Revista Faculdades do Saber**, v. 5, n. 09, 2020.

KNYCHALA, N. A. G.; OLIVEIRA, E. A. D.; ARAÚJO, L. B. D.; AZEVEDO, V. M. G. D. O. Influência do ambiente domiciliar no desenvolvimento motor de lactentes com Síndrome de Down. **Fisioterapia e pesquisa**, v. 25, n. 2, p. 202-208, 2018.

MALH, E.; BRUNIERA, C.; COSTA, L. Contribuições do esporte adaptado para a inserção social a das pessoas com deficiência. EFDeportes.com, Revista Digital, v. 19, n. 194, 2014.

MENDES, K. D. S., SILVEIRA, R. C. C. P., GALVÃO, C. M. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto Contexto Enfermagem**, v.17, n.4, p.758-64, 2008.

MIRANDA, A.C.R.L.; BARRETO, M.S. Crianças com Síndrome de Down: experiências quotidianas vivenciadas pelas famílias. **Revista Paranaense de Enfermagem (REPENF)**, v. 2, n. 1, 2019.

MUSTACCHI, Zan. Capítulo 1 - **Síndrome de Down. Genética baseada em evidências – Síndromes e heranças**, p. 819-894, 2015. Disponível em: <<http://www.sindromededown.com.br/wp-content/uploads/2015/05/capitulo21.pdf>>. Acesso em 20 mai 2020.

OLIVEIRA, S. C. M. de. **O processo de adaptação das crianças na educação infantil: os desafios das famílias e dos educadores da infância**. 249 f. Tese. (Programa de Pós-Graduação em Educação)-Faculdade de Ciências e Tecnologia UNESP, Presidente Prudente, 2018.

PAIVA, C. F. et al. Síndrome de Down: etiologia, características e impactos na família. **Interação em Psicologia**, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 167, 2018.

PELLIZZON, R.F. Pesquisa na área da saúde: 1. Base de dados DeCS (Descritores em Ciências da Saúde). **Acta Cirúrgica Brasileira**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 153-163, 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010286502004000200013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 2 abr. 2021.

PEREIRA, E. A. **A pessoa com deficiência no conceito da Bioética de Intervenção e seu direito à inclusão na comunidade**. Curitiba: Mimeo, 2013.

RAMOS, B.B.; MÜLLER, A.B. Marcos motores e sociais de crianças com Síndrome de Down na estimulação precoce. **Revista Interdisciplinar Ciências Médicas**, v. 4, n. 1, p. 37-43, 2020.

RODRIGUES, P. F. et al. Interação entre equipe de enfermagem e família na percepção dos familiares de crianças com doenças crônicas. **Escola Anna Nery**, João Pessoa, v. 17, n. 4, p. 781-787, 2013.

SILVA, A. F.; TRABAQUINI, P. S. Assistência de Enfermagem para crianças com Síndrome de Down. **Revista da Saúde da AJES**, Juína, v. 5, n. 9, 2019.

SOUSA, N.M.F.R.; NASCIMENTO, D.A. A inclusão escolar e o aluno com síndrome de Down: as adaptações curriculares e a avaliação da aprendizagem. **Educação & Formação**, v. 3, n. 3, p. 121-140, 2018.